

Jornal do Norte
30/4/1996 12
03

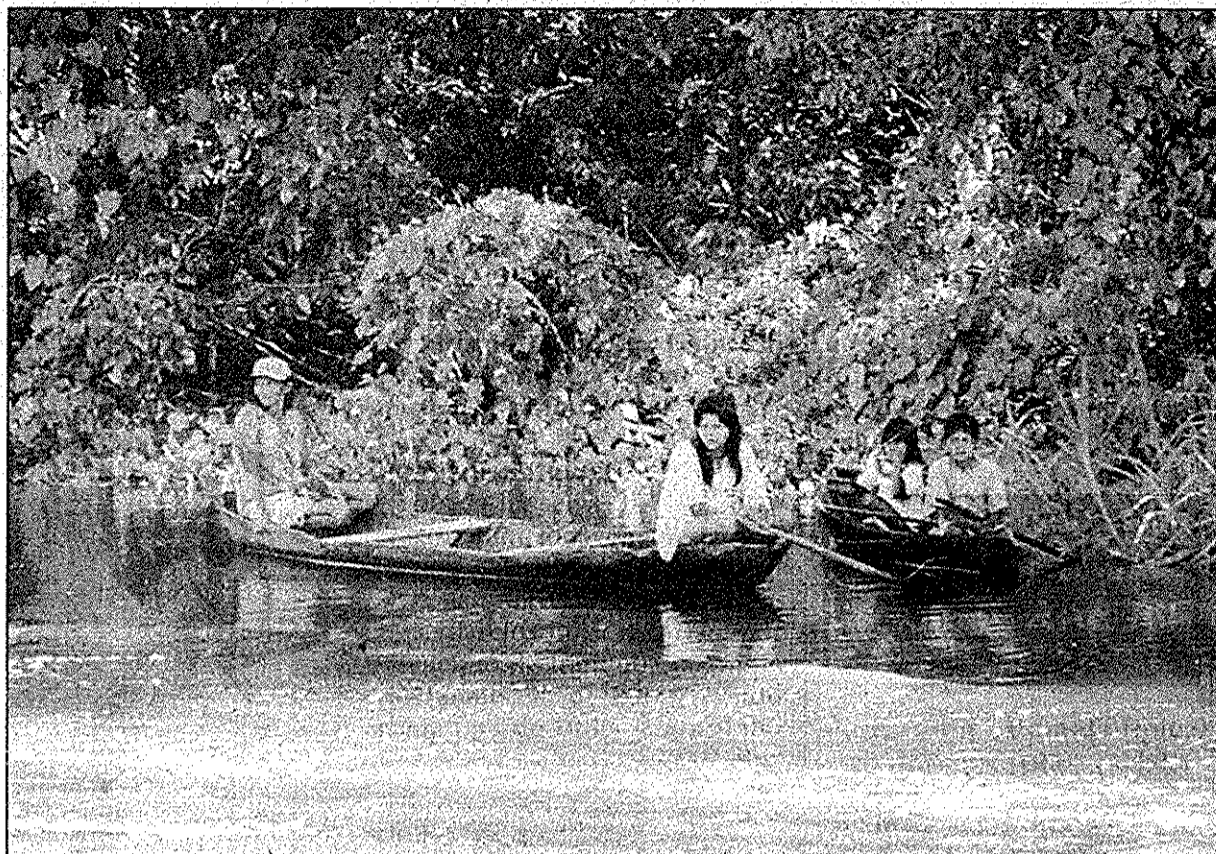
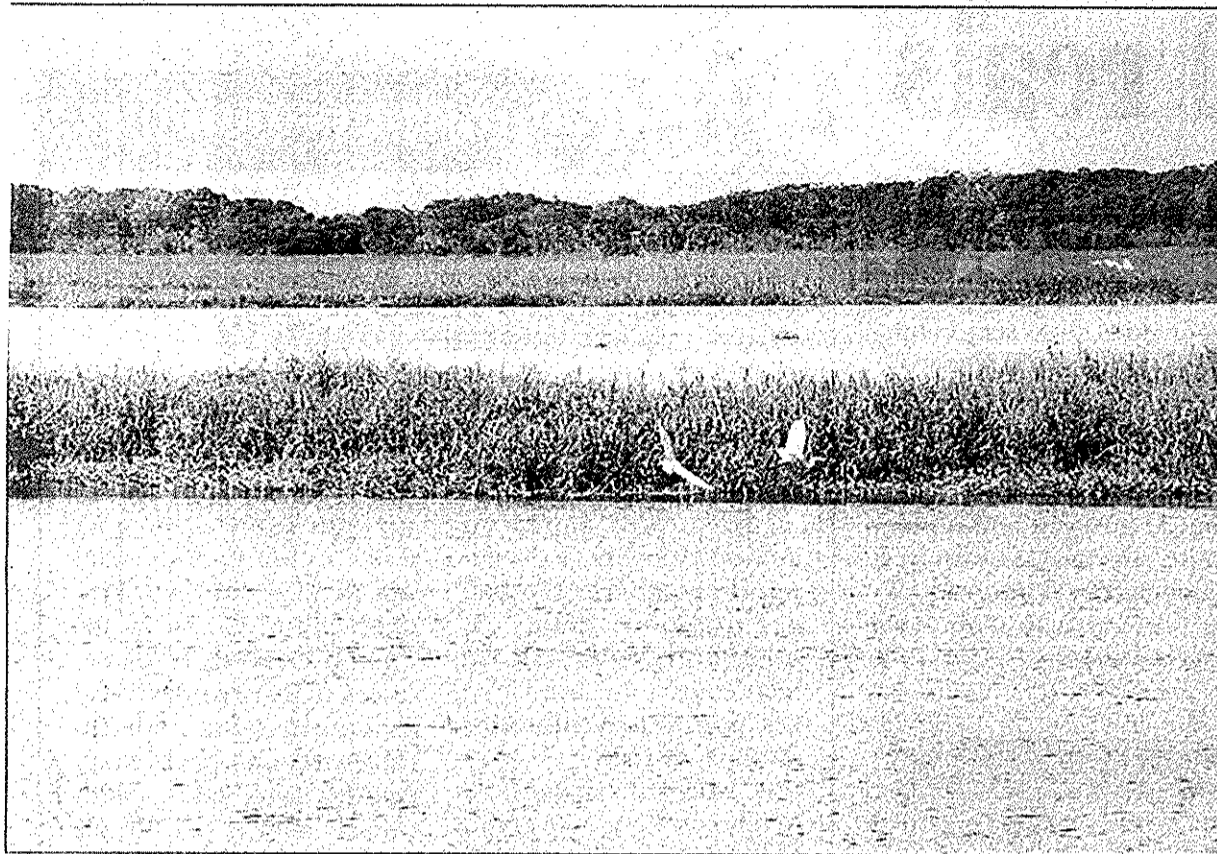


Foto: Sérgio Fonseca Junior

Mamirauá fica em Tefé e abriga um delicado e rico ecossistema de várzea, onde muitas espécies de pássaros e animais se adaptaram ao período da cheia que alaga uma grande extensão de terras

Mamirauá concilia homem e natureza

Projeto de lei do governo do Estado cria novo modelo de unidade de conservação, que permite a presença de moradores

Miriam Malina

Quando, no final de semana, a Estação Ecológica Mamirauá, em Tefé, a 516 km distante em linha reta de Manaus, recebeu a visita de destacados cientistas e personalidades brasileiras e estrangeiras, entre as quais o embaixador da Inglaterra, Donald Keith Haskell, veio a público também dois importantes documentos que implantam definitivamente o projeto Mamirauá - menina dos olhos de cientistas e ecólogos.

O primeiro documento é

um projeto de lei do governador Amazonino Mendes à Assembléia Legislativa do Estado para transformar agora a estação ecológica, que ele criou no seu primeiro governo, em Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. E o segundo é um plano de manejo de 579 páginas, preparado recentemente pela Sociedade Civil Mamirauá financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Overseas Development Administration (Oda), World Wide Fund for Nature (WWF), Wildlife Conserva-

tion Society e European Union (EEC).

Além de um dos maiores desafios do projeto Mamirauá ser a proposta de conciliação entre a preservação e a permanência das populações locais, a participação destes financiamentos estrangeiros gerou a desconfiança dos moradores quanto as intenções reais do projeto. Houve, sim, resistência das comunidades, empresários e políticos locais, que questionaram o caráter amazônico e nacional do projeto, mas ela está reduzida e a atenção da mídia contribuiu para a aceitação.

Legislação cria novo modelo sustentado

Pelas leis federais, estação ecológica é uma unidade de conservação de uso indireto, que deve manter 90% da área intocada e 10% para a pesquisa científica. Por enquanto, só é permitida a presença de pessoas em unidades de uso direto - áreas de proteção ambiental, reservas extrativistas e

florestas nacionais. Estas leis não prevêem em nenhuma das unidades de uso direto, um sistema misto de áreas de uso sustentado, proteção total e comercialização.

Assim, o projeto de lei que o governador Amazonino Mendes mandou na sexta-feira para a Assembléia Legislativa definirá um novo

modelo de unidade de conservação. Esse modelo misto de exploração e conservação poderá ser mais viável e até vir a ser aplicado a outras unidades da Amazônia - mesmo antes que o novo projeto do Sistema Nacional de Unidades de Conservação seja enviado ao Congresso Nacional.

Comunidade fiscaliza pesca nos lagos

Hoje, os moradores participam das atividades do projeto através de um sistema de representação feito por eles próprios. O sistema é simples, pois cada comunidade da reserva tem dois representantes que reúnem a cada dois meses e anualmente em assembléia geral. Por exemplo, antes, um grande problema para eles era a invasão dos lagos, mas para acabar os impasses criaram novas categorias de lagos de comercia-

lização, procriação e subsistência.

A invasão por pescadores de Manaus e Manacapuru praticamente acabou pela intensa fiscalização das próprias comunidades. Quando ocorre, os moradores tentam a desistência do infrator e quando não conseguem avisam as bases do Ibama.

Mamirauá tem melhor infra-estrutura que a maioria das unidades de conservação da Amazônia brasileira. Lá fo-

ram construídas seis casas flutuantes e outras em terra em pontos estratégicos de fiscalização, sistema de energia solar de iluminação, bomba d'água e rádio transmissor-receptor para comunicação com as bases do Ibama em Tefé e Belém. A reserva conta ainda para as pesquisas científicas com 15 canoas de alumínio e cinco barcos de madeira com motores de popa e centro de 22 a 124 HP.



Embaixador inglês David Haskell conheceu a reserva junto com pesquisadores brasileiros



Mamirauá tem a melhor infra-estrutura que a maioria das unidades de conservação da Amazônia